REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ARTIGO

UM ESTUDO SOBRE AS TRADUÇÕES DE *MERCEDES OF CASTILE: OR, THE VOYAGE TO CATHAY* (1840): LITERATURA, HISTÓRIA E COLONIALIDADE***A STUDY ABOUT THE TRANSLATIONS OF MERCEDES OF CASTILE: OR, THE VOYAGE TO CATHAY (1840): LITERATURE, HISTORY, AND COLONIALITY***

JORGE ANTONIO BERNDT

Doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e Universidade de Vigo, Espanha.

GILMEI FRANCISCO FLECK

Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), bolsista produtividade da Fundação Araucária/PR

E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

RESUMO

A obra de James Fenimore Cooper *Mercedes of Castile: or, the Voyage to Cathay* (1840) foi traduzida para o espanhol, francês e alemão, com diferentes versões e reedições realizadas ao longo das décadas. Nesse sentido, analisamos, neste manuscrito, as traduções ao espanhol e ao francês da obra de Cooper (1840), por meio da seleção de determinados trechos, a fim de deslindar as aproximações e os distanciamentos estabelecidos entre as versões. A metodologia adotada é bibliográfica e pura. Fundamentamo-nos nas concepções desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do Passado na América...” sobre as ideias de tradução e decolonialidade na América Latina (Fleck, 2023). Sustentamo-nos igualmente nas noções aventadas por teóricos da tradução, como Pagano (2000), e Venuti ([1998] 2002). Conclui-se que ambas as versões optam por manter as perspectivas colonialistas do texto original.

Palavras-chave: Análise comparativa. Tradução literária. Tradução decolonial. Romance histórico.

ABSTRACT

James Fenimore Cooper's work *Mercedes of Castile: or, the Voyage to Cathay* (1840) has been translated into Spanish, French, and German, with various versions and re-editions produced over the decades. This manuscript focuses on the Spanish and French translations of Cooper's work (1840), analyzing selected passages to elucidate the convergences and divergences between these versions. The methodology adopted is bibliographic and theoretical. Our study is grounded in concepts developed by the Research Group “Resignifications of the Past in Latin America...” concerning ideas of translation and decoloniality in Latin America (Fleck, 2023). We also draw on translation theories from scholars such as Pagano (2000) and Venuti ([1998] 2002). The analysis concludes that both versions preserve the colonialist perspectives of the original text.

Keywords: Comparative analysis. Literary translation. Decolonial translation. Historical novel.

1 Introdução

Concentrando-se na tríade América Latina, pós-colonialismo e tradução, Pagano (2000) menciona que “o pensamento latino-americano sobre a tradução nasce a partir de um contexto de tensões entre línguas, memórias e histórias” (Pagano, 2000, p. 160). A autora destaca: “a condição pós-colonial revela a cultura como operação ampla de tradução que opera em âmbito transnacional, trans-linguístico e trans-histórico. Como consequência de um período pós-colonial, a autora se refere ao fenômeno natural dos “deslocamentos” “tais como a escravidão, a migração, o exílio e a subordinação” (Pagano, 2000, p. 158), citando que “a vivência colonial leva os sujeitos a se deslocarem para outros espaços, outras temporalidades, outras línguas. Isso aplica-se tanto para aquele que se encontra num grau elevado de hierarquia de poder como para todos aqueles que encenam diversos graus de subordinação” (Pagano, 2000, p. 158).

A análise da obra literária de James Fenimore Cooper, o romance histórico *Mercedes de Castela: ou a Viagem a Cathay*, de 1840, é, nesse sentido, um trabalho de ficção histórica fascinante que explora a vida de Cristóvão Colombo e suas famosas expedições ao “Novo Mundo”, sendo o primeiro romance histórico do que Klock (2022) chama de “Poética da ‘descoberta’”. A representação do romance das viagens dos marinheiros e da subsequente colonização das Américas tem sido objeto de muita análise acadêmica, particularmente no contexto das complexas dinâmicas culturais, religiosas e políticas em vigor naquela época.

Uma análise decolonial, no entanto, convida-nos a examinar essa narrativa não apenas como um romance histórico pioneiro, mas como parte de um projeto mais amplo da colonialidade, que Aníbal Quijano (2014) define como o legado duradouro das estruturas coloniais na produção de conhecimento, nas relações de poder e nas hierarquias raciais. Nessa perspectiva, as viagens de Colombo não são meros eventos de exploração, mas momentos de violência epistêmica, nos quais as cosmologias indígenas foram silenciadas e subordinadas às visões de mundo europeias. O romance de Cooper, nessa luz, serve como uma ferramenta ideológica que reforça o que Walter Mignolo (2016) chama de lado mais escuro do renascimento, isto é, da modernidade ocidental – o mito do progresso enraizado na dominação colonial.

Um aspecto do romance que merece um exame mais atento no contexto da epistemologia decolonial é a maneira como ele foi traduzido para outras línguas ao longo do tempo. Como a “descoberta” das Américas tem sido um tema de grande interesse e controvérsia, as traduções da obra de Cooper oferecem insights valiosos sobre como diferentes culturas e épocas interpretaram e representaram esse evento histórico crucial. Ao analisar essas traduções, não apenas nos engajamos com os aspectos técnicos da transferência linguística, mas, também, explora como diferentes culturas

interpretaram o legado de Colombo. Como argumenta Ramón Grosfoguel (2007), a tradução e a produção de conhecimento são centrais no processo de descolonização epistêmica, em que as vozes subalternas buscam reivindicar a agência das narrativas coloniais.

Com o objetivo de consolidar tal exame, a estrutura desta análise se desdobra em três etapas. Primeiro, examinamos a diegese do romance e suas ideologias coloniais. Por fim, realizamos uma análise comparativa de trechos das traduções ao espanhol e ao francês, destacando como cada versão desafia ou perpetua os discursos incorporados no texto original. Por meio dessa abordagem, buscamos iluminar a cosmologia mais ampla em jogo em *Mercedes of Castile: or, the Voyage to Cathay* (Cooper, 1840) e suas traduções.

2 O Romance Histórico Clássico: Das Escritas Europeias Scottianas Ao Projeto Colonial Cooperiano

Nesta seção inicial, examinamos o contexto mais amplo e o conteúdo histórico do romance de Cooper. Nossa análise está estruturada a partir de uma avaliação do posicionamento do romance dentro da narrativa mais ampla da exploração e colonização europeias das Américas (Lunenfeld, 1992), com um enfoque sobre a diegese do romance específico, na medida em que buscamos apresentar algumas das características constituintes dessa obra e sua modalidade antes de adentrar aspectos sobre as traduções em si.

Do ponto de vista *lato sensu*, o romance histórico tem as suas origens formativas em uma miríade de produções anteriores, que poderiam datar às produções híbridas do século XVIII ou até antes, já que a mescla entre a ficção e a história humana não é algo exclusivo do século XIX. No entanto, ao se adotar uma ótica mais estrita, pautada nas discussões levantadas por Lukács ([1939] 2011), pode-se pensar nas publicações romanescas de Sir Walter Scott (1771-1832) como um ponto de inflexão, visto que o autor escocês logrou estabelecer os paradigmas literários que foram, posteriormente, copiados por diversos escritores.

A partir da fixação do estilo de Scott emergiram, no entanto, outras perspectivas, que trataram de alterar determinados elementos daquela vertente scottiana ou mesmo subvertê-los. Fleck (2017) buscou organizar tais movimentos estéticos no interior do romance histórico, com base nas três concepções de grupos, fases e modalidades. No quadro 1, organizamos tal exercício teórico, com o fim de proporcionar um mapa virtual de tal percurso.

Dentre as modalidades existentes, enfocamos, neste artigo, a clássica scottiana. As propriedades do paradigma scottiano foram extensamente desdobrados por diferentes críticos. Para concretizar os objetivos traçados neste artigo, recuperamos os atributos delineados por Márquez Rodríguez (1991) sobre a modalidade, a fim de utilizar como base para análise da diegese ao longo desta seção. A citação abaixo condensa os principais pontos:

Quadro 1: Trajetória do Romance Histórico

Grupos e fases do romance histórico				
Grupo 1: Romances que, através da ficção, tentam expandir o discurso historiográfico tradicional e hegemônico, que no passado criou heróis e modelos a serem seguidos. Essas obras continuam a celebrar figuras estabelecidas, reforçando, assim, a versão oficial e canônica da história.		Grupo 2: Obras que, por meio da ficção, confrontam o discurso histórico hegemônico, buscando desconstruir a visão única e absoluta com que o passado foi registrado pela historiografia positivista. Essas produções questionam as imagens estabelecidas de heróis e a narrativa glorificante, usando técnicas de desconstrução na escrita para alcançar esse objetivo.		
1ª Fase: A Fase Acrítica De 1814, com Waverley, de Walter Scott, até o presente.		2ª Fase: A Fase Crítica/Desconstrucionista De 1949, com El Reino de Este Mundo, de Alejo Carpentier, até o presente.		3ª Fase: Fase Crítica de Mediação A partir da década de 1980, com as publicações pós-boom, até o presente.
Modalidade Clássica: <i>Mercedes of Castile: or, the Voyage to Cathay</i> , de James Fenimore Cooper	Modalidade Tradicional:	Modalidade do Novo Romance Histórico Latino-Americano:	Modalidade da Metaficção Historiográfica: <i>Vigilia del Almirante</i> , de Augusto Roa Bastos	Modalidade de Mediação: <i>The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: his Wife's Version</i> (1994), by Paula DiPerna

Fonte: Adaptado de Fleck (2017).

1. Una especie de gran telón de fondo, de riguroso carácter histórico; 2. Sobre ese telón de fondo, el novelista sitúa una anécdota ficticia, es decir, inventada por él; 3. Las novelas de Scott, y todas las que han seguido sus lineamientos, presentan un episodio amoroso, casi siempre desgraciado al correr de la novela; 4. La anécdota ficticia constituye el primer plano de la narración, y en ella se enfoca la atención central del novelista y del lector (Márquez Rodríguez, 1991, p. 21).

As características definidoras são um grande pano de fundo, de caráter rigorosamente histórico, que sobre esse pano de fundo, o romancista introduz uma anedota fictícia, ou seja, uma invenção do autor. Além disso, os romances de Scott, juntamente com aqueles de sua tradição, apresentam um episódio amoroso que frequentemente encontra infortúnios à medida que a narrativa avança. A anedota fictícia constitui o primeiro plano da narrativa, atraindo o foco central tanto do romancista quanto do leitor.

Na América, um dos seguidores de Scott foi Cooper, que publicou dezenas de romances históricos, dentre os quais destacamos *Mercedes of Castile: or, the Voyage to Cathay* (1840), cuja diegese traça a jornada de Cristóvão Colombo e sua tripulação enquanto zarparam para o “Novo Mundo”. Embora a expedição em si permaneça o foco central, a narrativa enfatiza não apenas Colombo, mas, também, o contexto histórico e as personagens fictícias encontradas ao longo do texto. Os protagonistas, Mercedes de Valverde e Luis de Bobadilla, servem para humanizar e personalizar os eventos históricos mais amplos, permitindo que os leitores se envolvam com as complexas dinâmicas sociais, políticas e religiosas que definiram a era, de acordo com os relatos históricos.

O romance começa com uma abordagem retrospectiva, já que Cooper opta por não iniciar a narrativa detalhando imediatamente a viagem de Colombo. Em vez disso, os capítulos iniciais mergulham no contexto histórico, fornecendo insights sobre a relação entre a Rainha Isabel, de Castela, e o Rei Fernando, de Aragão, futuros Reis Católicos da Espanha. A narrativa inicialmente explora seu namoro romântico, seguindo posteriormente seu casamento, estabelecendo, assim, o cenário para os eventos que se desenrolariam com as expedições de Colombo para o “Novo Mundo”. Essa decisão de iniciar a história de forma retrospectiva permite que os leitores compreendam melhor as intrincadas dinâmicas políticas, sociais e religiosas que moldaram a era e influenciaram as viagens de “descoberta”.

À medida que o narrador se aproxima do evento histórico da conquista da Alhambra pelos monarcas, a apresentação da trama para o leitor sofre uma mudança. A perspectiva narrativa transita da rainha e do rei para outras personagens, como Mercedes de Valverde, Beatriz e Luis de Bobadilla. Por exemplo, a primeira aparição de Cristóvão Colombo não é retratada a partir de seu próprio ponto de vista, mas, sim, através das perspectivas de Luis e de um padre no contexto da celebração que se segue à conquista da Alhambra.

Esses momentos ilustram a caracterização sutil e a inter-relação entre fato histórico e narrativa ficcional, enriquecendo a riqueza diegética do romance de Cooper. Frequentemente, Colombo é retratado não através de suas próprias ações ou da descrição direta do narrador, mas, sim, por meio do diálogo e das percepções de outras personagens. Essa técnica narrativa confere uma qualidade mítica ao seu caráter, pintando-o como uma figura heroica mesmo antes de ser pessoalmente conhecido.

Nesta segunda parte da trama, a chegada de Cristóvão Colombo à Espanha, onde ele busca o apoio do Rei Fernando e da Rainha Isabel para financiar sua expedição, é apresentada como um pano de fundo histórico para as ações e relações dos protagonistas fictícios, Mercedes de Valverde e Luis de Bobadilla. O problema central então torna-se o fato de que Mercedes e Luis estão profundamente apaixonados um pelo outro, mas as cuidadoras de Mercedes, Beatriz e a Rainha Isabel, estão determinadas a prometer sua mão em casamento a um pretendente mais prestigioso e honrado, mesmo que ele seja um nobre. Esse conflito entre os desejos pessoais dos protagonistas e as dinâmicas políticas e sociais maiores da época prepara o cenário para o desenrolar da narrativa e para a exploração da complexa inter-relação entre história e ficção na obra de Cooper.

Ao longo do romance, Cooper habilmente entrelaça fatos e eventos históricos com uma narrativa ficcional, criando uma rica tapeçaria que permite ao leitor envolver-se com o contexto mais amplo da época enquanto também se investe nas histórias pessoais das personagens. Um exemplo chave dessa mistura de história e ficção é a maneira pela qual a história de amor entre os protagonistas é entrelaçada com o pano de fundo histórico mencionado anteriormente. De acordo com o narrador e algumas das personagens na corte, a única maneira de Luis se tornar um herói honrado, que finalmente poderia casar-se com Mercedes, seria embarcando em uma aventura maior e mais significativa. Como consequência, o protagonista procura Colombo, com o propósito de lhe pedir um lugar em sua expedição.

Nesse contexto, o narrador ensina seus leitores, que não estavam completamente cientes dessa narrativa na época da publicação do romance, que Cristóvão Colombo ainda não estava pronto para embarcar em sua jornada quando os eventos retratados no romance ocorrem. O narrador explica que Colombo na verdade havia tentado convencer a coroa espanhola a apoiar sua expedição por sete anos sem receber uma resposta satisfatória. Portanto, os eventos no romance precedem o início real das famosas viagens de “descoberta” de Colombo.

O narrador também aprofunda-se nos detalhes do plano de Colombo, conforme explicado pelas personagens no romance. De acordo com eles, a intenção de Colombo não era “descobrir” a América, mas, de fato, invadir as terras orientais de Cipango e Cathay, conforme mencionado pelo explorador Marco Polo. O narrador apresenta como Colombo planejava alcançar esse objetivo e por que ele acreditava que isso era importante. Essencialmente, Colombo esperava usar a riqueza e os recursos adquiridos nessas aventuras orientais, que deveriam ser financiados pelo Estado, para “reconquistar” Jerusalém e estabelecer uma nova era cristã no mundo.

Embora a ideia ressoasse com os desejos da elite, eles não concordavam plenamente em relação aos custos, especialmente o rei Fernando, que tinha uma abordagem suspeita em relação a Colombo, bem como as crenças cristãs,

já que Cooper apresenta o chefe da igreja defendendo a noção de que a Terra era plana. Assim, o autor narra como o processo de tomada de decisão se desenrolou, com as diferentes perspectivas e interesses em jogo, levando, em última análise, à famosa primeira viagem de Colombo através do Atlântico.

Segundo alguns críticos, como Poe (1902), Madison (1985) e Harthorn (2004), a jornada rumo a Cathay é a parte mais interessante e esteticamente agradável do romance de Cooper. O narrador conduz o leitor por uma jornada vívida, descrita poeticamente, detalhando as experiências marítimas e os desafios que os marinheiros enfrentaram, conforme registrado em relatos históricos. Com a chegada à costa da América, as personagens celebram. Porém, ao invés de enfatizar as ações do chamado Almirante após esse momento de chegada, o narrador de Cooper desloca o foco para a trama envolvendo Luis de Bobadilla.

Assim, enquanto Colombo se dirigia a outra parte do território do Haiti, o protagonista teve que seguir alguns nativos que estavam ajudando os espanhóis em seus esforços para encontrar ouro em uma das ilhas. Embarcando em uma canoa com eles, ele chega a uma aldeia indígena, onde consegue aprender algumas palavras e lhes ensinar um pouco sobre sua cultura, por meio de gestos em vez de palavras. Ao final, ele acaba encontrando uma das mulheres mais belas daquele “reino”: a princesa Ozema. Embora não seja claramente declarado, ele se apaixona por ela, já que sua aparência assemelhava-se, de certa forma, a Mercedes, de quem ele sentia falta desde o início da jornada. O narrador, então, aprofunda-se nos detalhes desse encontro, descrevendo como Luis foi cativado pela beleza e graça de Ozema, e como os dois começaram a se comunicar e a criar laços apesar da barreira linguística.

Este momento de quase suspensão é interrompido por um ataque liderado pela figura histórica de Caonabó, que havia sido previamente descrito de maneira negativa como um líder maligno que tinha a intenção de tomar Ozema. Caonabó e seu grupo começam a matar todos os membros da tribo. Em um ato heróico, de acordo com a forma como o narrador o retrata, Luis reage, utilizando seu corpo e sua espada. À medida que fica claro que os nativos que o acolhem serão em breve sobrepovoados, ele decide levar Ozema de volta ao navio consigo.

O narrador então retorna o foco para Colombo, descrevendo-o como um líder angustiado pelo derramamento de sangue e pela perda de vidas, já que ele esperava estabelecer relações pacíficas com as populações nativas. Quando retornam à Europa com alguns nativos a bordo para que a tripulação pudesse apresentá-los à coroa como prova do sucesso da missão, uma tempestade atinge os navios, causando tremendo medo em todos. Para acalmar sua nova amiga e a introduzir ao Cristianismo, Luis dá-lhe seu colar com um crucifixo. Mal sabia ele que esse gesto levaria posteriormente a um mal-entendido significativo.

À medida que Ozema chega à Europa, ela é separada de Luis por um período. Enviada para Mercedes, que cuida dela, com a ajuda da rainha e de Beatriz, ela passa a conhecer a vida da realeza. A mulher Taíno, então, relata a elas o mal-entendido que ocorreu no navio: ao receber o crucifixo do guerreiro espanhol, ela, em sua inocente interpretação, percebeu-se unida a ele. Para esclarecer tal infortúnio, que poderia ameaçar a união do casal ibérico, a rainha, convocada por Beatriz, solicita a presença de Luis, cuja defesa é insuficiente para convencer a todos. Colombo, no entanto, relata à monarca o caráter íntegro de seu companheiro, dissipando, assim, a controvérsia.

No Capítulo X, a soberana convida Ozema para suas câmaras, onde ela explica que tudo o que a Taíno havia imaginado era, de fato, uma ilusão, e não havia possibilidade de se comprometer com o nobre espanhol, mesmo após se converter à fé cristã. Simultaneamente, Isabel, juntamente com sua cuidadora, consente com o casamento do, agora, heróico Luis com sua contraparte, ordenando que o ritual seja realizado imediatamente. As passagens do casamento compõem a última parte do romance. Assim, após a chegada de um padre, ambos procedem para a câmara, onde confirmam seus votos. Convidada a participar da união, a mulher Taíno, além de ser batizada, testemunha o casal, sob um pretexto elaborado pela rainha, o que a leva à morte.

No período final, a voz enunciativa acrescenta ainda que foi dessa forma que a primeira das almas recuperadas pela “descoberta”, exaltada através do uso de adjetivos, deixou a terra. O foco deste relato final, no entanto, reside em sua retórica proselitista: embora sua existência tenha sido silenciada, ela foi “salva”, assim como muitas outras posteriormente, da heresia constitutiva daqueles outros que estão do outro lado do Atlântico do ponto de vista europeu, mas, também, para o Oeste, no espaço americano, que, em 1840, estava em plena expansão territorial, conforme indicado por Weinberg (1963).

Como resultado de sua morte, todos os obstáculos que poderiam ter impedido a felicidade futura das protagonistas desaparecem. Nas páginas seguintes, o romancista consagra a união, destacando a conjunção racial pura e não mista. A voz enunciativa também observa que o casal adquire um barco, nomeando-o “Ozema”, finalizando a história com um desfecho feliz.

Este resumo fornece uma análise detalhada dos eventos e temas principais apresentados em *Mercedes of Castyle: or, the Voyage to Cathay*, de James Fenimore Cooper. Destaca as técnicas do autor ao mesclar fatos históricos com elementos ficcionais, a representação de Colombo, buscando o patrocínio dos monarcas espanhóis Isabel e Fernando para financiar suas viagens, e, posteriormente, descreve o desenrolar de sua primeira expedição ao Caribe, com uma representação vívida da jornada marítima, o encontro com os povos originários e as circunstâncias trágicas que cercam a morte da personagem Ozema.

Com base nas representações de personagens mencionadas, notamos que, embora o romance de Cooper seja uma obra de ficção, ele é influenciado por relatos históricos das viagens. Conforme observado por estudiosos, o romance de Cooper baseia-se fortemente nos escritos e relatos do próprio Colombo, como o *Diário de bordo* (1492-1493), de Colombo e os escritos de outros exploradores e cronistas da época (Richey, 1992), bem como outras fontes contemporâneas à sua época. O foco do narrador nos aspectos técnicos da navegação e cartografia, além do pano de fundo político e religioso das viagens, reflete a crescente atenção acadêmica dedicada a esses tópicos no início do século XIX (Lunenfeld, 1992) (Markham, 2017) (Richey, 1992).

Embora o foco esteja na trajetória de personagens fictícias, que são posicionadas como secundárias à história política – um zoom fictício e, de certa forma, microhistórico (Magnússon; Szijártó, 2013) – a exclusão de vozes culturais alternativas reforça a dominância da narrativa da conquista e sua lente macrohistórica. Esse silenciamento das perspectivas nativas/originárias reflete a prática colonial de apagamento, onde histórias e sistemas de conhecimento fora dos marcos europeus são negligenciados. Uma abordagem decolonial exigiria uma narrativa mais pluralista, incluindo ativamente essas vozes e examinando criticamente as dinâmicas de poder que as mantêm marginalizadas, embora esse claramente não seja o objetivo aqui.

A representação de Colombo na ficção histórica, conforme apresentada em *Mercedes de Castela: ou a Viagem a Cathay*, de James Fenimore Cooper, pode ser situada dentro do que denominamos Fase Acrítica dos romances históricos. Esta fase, iniciada em 1814 com *Waverley*, de Walter Scott, alinha-se a uma tradição historiográfica que afirma a narrativa positivista da história, a qual constrói heróis e mitifica figuras históricas como Colombo. Durante este período, os romances históricos frequentemente serviam como veículos para glorificar as conquistas coloniais, idealizando exploradores como Colombo como figuras fundadoras para nações emergentes, particularmente os Estados Unidos. O romance de Cooper, escrito no início do século XIX, assim participa da romantização de Colombo, apresentando suas viagens como emblemáticas de realizações humanas, exploração e progresso, enquanto, em grande parte, ignora ou minimiza as duras realidades da colonização, tais como a violência e a exploração dos povos originários/autóctones.

Esta abordagem acrítica, predominante na época de Cooper, exemplifica a historiografia eurocêntrica criticada pelos estudiosos na virada decolonial. Conforme discutido no Giro Decolonial, esta forma de narrativa reflete a “colonialidade do poder” (Quijano, 2014), na qual o arcabouço epistêmico da modernidade legitima a violência colonial, ao glorificar os colonizadores como figuras heroicas, enquanto torna os colonizados invisíveis ou passivos. A representação de Colombo por Cooper espelha o sistema-mundo moderno/colonial, no qual os sistemas de conhecimento eurocêntricos

constroem o passado de maneiras que afirmam a superioridade ocidental e ignoram as experiências diversas e frequentemente traumáticas dos povos colonizados. Na próxima seção avançamos para os processos tradutórios realizados na transposição do artefato estético para outros âmbitos culturais/linguísticos, sendo o espanhol e o francês.

3 Uma Análise das Traduções de *Mercedes of Castile: or, the Voyage to Cathay* (1840) para o Espanhol e o Francês

No campo da tradução, o ato de transferir um texto de uma língua para outra vai muito além de um simples exercício linguístico. Como sugere a professora da Universidad Nacional de Córdoba, Susana Romano Sued (2011), é um processo intrincado e que envolve a delicada tarefa de decifrar palavras estrangeiras, reconstruir os mundos culturais e históricos dos quais o texto emerge e embarcar em uma profunda jornada na própria língua. Não é apenas um empreendimento técnico, mas, também, profundamente criativo, posto que o significado deve ser recriado, reinterpretado e, às vezes, transformado para ressoar com um novo público. Dessa forma, o tradutor assume o papel de mediador. Essa imagem nos convida a pensar na tradução como um ato recorrente de troca cultural e linguística, um processo que enriquece tanto a língua de origem quanto a língua de chegada, enquanto constantemente reformula os tesouros literários que ela transmite.

Conforme argumentou Uslar Pietri (1990) ao discutir o impacto do colonialismo em “Las Carabelas del Mundo Muerto”, a carga trazida de outros continentes para a América pelas caravelas pode também ser considerada, em termos culturais, inadequada ou passível de crítica. As teorias críticas a esse processo – como a pós-colonial, decolonial, multicultural – desempenham um papel significativo, pois examinam o impacto do colonialismo na cultura, na língua e na identidade. Ela é usada para analisar as dinâmicas de poder entre o colonizador e o colonizado, muitas vezes revelando como as ideologias coloniais persistem mesmo após a independência. Uma análise das traduções de *Mercedes of Castile: or the Voyage to Cathay* (1840), de Cooper, por meio desse tipo de lente crítica pode lançar luz sobre como a obra participou da construção e circulação de discursos coloniais sobre o “Novo Mundo”.

Nesse contexto, nosso objetivo é analisar, nesta seção, como a linguagem usada no texto de origem e nos textos-alvo de *Mercedes of Castile: or, the Voyage to Cathay* (1840) constrói imagens das terras e povos “descobertos”. É, igualmente, interessante considerar como as traduções podem perpetuar ou desafiar essas dinâmicas de poder através de suas escolhas linguísticas. Com base nas ideias de Fleck (2017), também consideramos o tradutor como um mediador cultural com o poder de moldar percepções. É interessante verificar se as versões estão cientes dos potenciais vieses coloniais no texto de origem e em que medida as traduções refletem alguma tentativa de resistir ou subverter esses vieses. Por meio dessa lente, podemos

explorar a complexa relação entre literatura, colonialismo e representação cultural – uma preocupação central da teoria pós-colonial e, além disso, do giro decolonial (Grosfoguel, 2007).

Para começar nossa discussão, selecionamos uma passagem particular onde o narrador reflete sobre as ações de Colombo durante sua viagem às Américas. O objetivo mais amplo dessa análise envolve explorar as implicações culturais embutidas no processo de transferência linguística, concentrando-se em como cada tradução negocia a interação sutil entre o texto original e sua recepção na língua de chegada, com foco especial no que é dito e não dito. Dessa forma, podemos entender como as escolhas de tradução contribuem para moldar a representação de Colombo e os eventos históricos em questão, além de responder não apenas se a tradução é boa ou ruim ou para quem ela é, mas, da mesma forma, por que ela foi publicada: qual a razão por trás da escolha deste livro e não de outro. O seguinte fragmento é, então, extraído do capítulo XX e apresentado em suas respectivas versões para o espanhol, o francês e o português (quadro 2).

Esse trecho do texto demonstra um viés colonial. A caracterização dos “aborígenes” como passivos, amigáveis e facilmente subjugados, está alinhada com os tropos coloniais mais amplos que retratavam os povos colonizados como infantis, inferiores e necessitados de “civilização” pelos colonizadores europeus “mais avançados”. A justificativa casual de apreender e transportar indivíduos nativos “para o bem de suas almas” também é emblemática da mentalidade colonial que via as culturas e as crenças autóctones como inerentemente inferiores e necessitadas de conversão cristã.

Acadêmicos que reverberam a decolonialidade, a interculturalidade e o pós-colonialismo têm desafiado tais retratos, argumentando que eles refletem os vieses e as dinâmicas de poder da era colonial, em vez de uma realidade multifacetada. Mais importante, neste momento, é analisar como cada tradução lida com esse fragmento, refletindo sobre as aproximações e os distanciamentos.

De maneira geral, as traduções de O’Crowley e refletem uma mentalidade colonial em que as ações europeias são justificadas através de uma lente paternalista, assumindo a superioridade da cultura e da religião europeias. Elas não resistem à narrativa colonial; ao contrário, apoiam, de forma cúmplice, a representação original do colonialismo como benevolente. Os povos originários da América são retratados como receptores passivos das ações europeias, sem agência ou voz, típico de textos coloniais que priorizam a perspectiva do colonizador. Como resultado, as transferências para o espanhol e o francês examinadas mantêm a linguagem que sustenta a autoridade colonial e diminui o impacto violento da colonização, refletindo uma crítica pós-colonial comum da tradução como instrumento de poder.

Apesar dessa aparente correspondência, existem algumas diferenças que valem mencionar: trata-se dos conceitos de equivalência e seleção lexical na tradução. Enquanto “non-equivalence at word level means that the

Quadro 2: Fragmento do capítulo XX nas versões em espanhol, francês e português

Inglês	Espanhol	Francês	Português (Tradução livre)
From this time until the sixth of the following month, Columbus continued his examination of this noble island, when he crossed what has since been termed the ‘windward passage,’ and first touched on the shores of Hayti. All this time, there had been as much communication as circumstances would allow, with the aborigines, the Spaniards making friends wherever they went, as a consequence of the humane and prudent measures of the admiral. It is true that violence had been done, in a few instances, by seizing half a dozen individuals in order to carry them to Spain, as offerings to Doña Isabella ; but this act was easily reconcilable to usage in that age, equally on account of the deference that was paid to the kingly authority, and on the ground that the seizures were for the good of the captives’ souls (Cooper, 1888, p. 377).	Desde esa fecha hasta el seis del mes próximo, continuó Colon su examen de aquella noble isla; atravesando lo que hoy se llama “el pasaje á sotavento”, y tocó por primera vez en las costas de Huiti. Todo este tiempo habia habido con los aborígenes toda la posible comunicación; pues que los Españoles se grangeaban amigos donde quiera que iban, á consecuencia de las prudentes y humanas medidas que el almirante tomara. Verdad es que desde luego hubo actos de violencia, en algunos casos; pues que se apoderaron de las personas de media docena de individuos, con la mira de llevarlos a España como ofrenda á la reina Isabel; pero esta tropelia se conciliaba fácilmente con los usos de aquel siglo, asi como por causa de la deferencia que se tributaba á la autoridad régia, y tambien por la idea de que aquellas capturas resultarian en beneficio de las almas de los capturados. (Cooper, 1841a, p. 24-25 – na tradução de Pedro O’Crowley)	Desde ce jour jusqu’au du mois suivant, Colomb continua reconnaissance de cette belle île. Alors il traversa ce qu’on a appelé depuis ce temps la Passe du Vent, et toucha pour la première fois aux côtes du Haïti. Pendant tous ce temps, l’on avait eu avec le naturels d’aussi nombreuses communications que les circonstances permettaient, les Espagnols se faisant de nombreux amis, par suite des mesure prudentes et humaines prescrites par l’amiral. Il est bien vrai qu’on commit un acte de violence en s’emparant d’une demi-douzaine d’individus pour le conduire en Espagne, et en faire offrande à doña Isabelle; mais un tel acte pouvait aisément se justifier dans ce siècle, tant à cause de la déférence qu’on avait pour le pouvoir royal, que parce qu’il au salut des âmes des prisonniers (Cooper, 1841b, p. ?? – na tradução de Defrauconpret).	Desde essa data até o sexto dia do mês seguinte, Colombo continuou seu exame desta nobre ilha, atravessando o que mais tarde foi chamado de “passagem de sotavento” e tocando, pela primeira vez, nas costas do Haiti. Durante todo esse tempo, houve tanta comunicação quanto as circunstâncias permitiam com os povos originários/ autóctones, e os espanhóis faziam amigos por onde quer que fossem, como consequência das medidas prudentes e humanitárias do almirante. É verdade que houve alguns atos de violência, como a apreensão de meia dúzia de indivíduos para levá-los à Espanha como oferenda a Dona Isabel; mas este ato podia ser facilmente conciliado com os costumes daquela época, tanto pela deferência que se tinha pela autoridade real, quanto pela ideia de que as capturas seriam para o bem das almas dos cativos. (Cooper, 1888, p. 377 – nossa tradução livre)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

target language has no direct equivalent for a word which occurs in the source text” (Baker, 2011, p. 18), a equivalência seria o contrário: a compatibilidade entre palavras, como “eu”, no português, está para “yo”, no espanhol, e “je”, no francês. Embora alguns teóricos, tais quais Douglas Robinson (2003), julguem inadequado o enfoque sobre o eixo da equivalência – já que se trata, geralmente, do “narrow place where the scholar’s only conceivable task is to define linguistic equivalence rigorously enough to help translators achieve it” (Robinson, 2003, p. 143) – ele permite, neste contexto, refletir sobre como cada tradutor busca marcar, linguística culturalmente, os significantes do texto de origem.

Materializando tal questão, notamos que, ao abordar a representação da violência, o original em inglês apresenta as seguintes expressões: “violence had been done”. Ele reconhece a transgressão, mas a minimiza como algo esporádico, justificado e imutável (algo estabelecido no passado que não podemos mudar, nem mesmo discursivamente), já que a violência foi feita. A tradução francesa reconhece, diretamente, “un acte de violence”, retratando uma admissão mais isolada, por conta do artigo, e clara de violência, mas,

ainda, justificando-a como uma norma da época. O espanhol reproduziu a mesma estrutura da versão francesa, mas, em vez de mencionar as apreensões como substantivo, ele utilizou um verbo “se apoderaron” e um substantivo como referência posterior “esta tropelia”, que são mais diretos na admissão de ações violentas, mesmo que a violência ainda seja justificada, como propõe o texto original. Assim, embora existissem

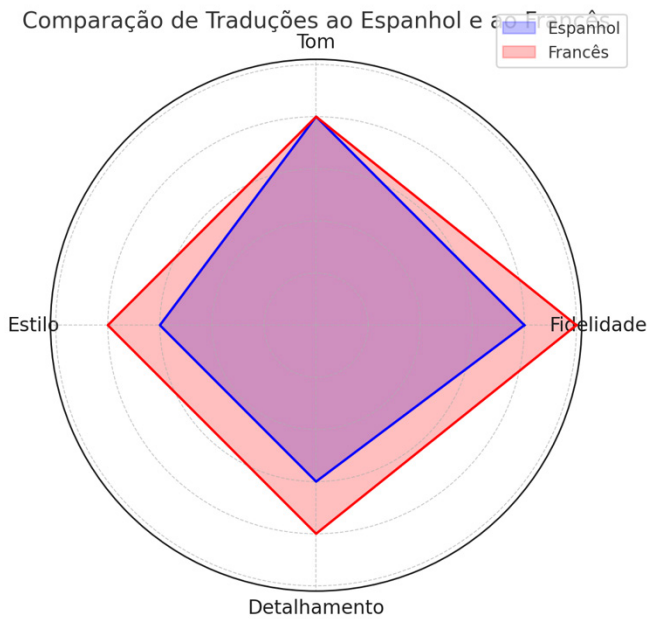
Quanto à justificativa espiritual para os atos coloniais, as versões em espanhol e francês analisadas sugerem que as ações violentas foram para o benefício das almas dos povos nativos. No entanto, o texto em espanhol emprega uma frase que enfatiza o resultado benéfico pretendido: “resultarian en beneficio” no lugar de “were for the good of the captives’ souls”. Essa construção que substitui a ideia de uma bondade pelo benefício (alterando o registro do religioso para o econômico) não só implica que as ações tinham um propósito, mas, igualmente, sugere que os benefícios eram quase garantidos, tornando a justificativa espiritual mais deliberada e consequente. Trata-se de uma seleção que ao invés de ser uma questão de equivalência configura-se como um jogo do tradutor.

Especificamente nesse trecho deslindado, a tradução ao espanhol acaba adaptando determinados elementos, ao incluir outras palavras não literais e emitir, de forma matizada, a perspectiva a respeito dos habitantes nativos, o que diminui a aderência à fidelidade e ao estilo do original. A versão francesa opta por uma abordagem que preserva o tom e o nível de detalhamento do texto primeiro, promovendo um aumento da fidelidade e do estilo. Na figura abaixo, a ilustramos a ideia, com base nas noções de tom, estilo, detalhamento e fidelidade aventadas lateralmente:

Na figura 1, destacamos uma maior fixação da obra francesa ao esquema de representação original. Todavia, ainda que exista tal disparidade, ambas as versões são, virtualmente, “fieis” ao modelo, não agregando sentenças que sejam substancialmente criativas ou divergentes. Cabe mencionar que nenhum dos editores ou tradutores inclui notas ou elementos paratextuais para agregar alguma visão distinta ou complementar. Conforme argumenta Fleck (2023), a inclusão de asserções em tais espaços pode ser utilizada como uma estratégia de tradução decolonial. A mesma ideia repercute no trecho em que Ozema morre, durante o matrimônio de Luis e Mercedes, que sistematizamos no quadro 3.

Na passagem, a morte da mulher caribenha é explicada por meio de duas justificativas, conforme a voz narrativa que explora cada espaço e argumento da diegese. A primeira justificativa está ligada ao seu colapso mental: de um lado, ela enfrenta os valores de sua criação, classificados como

Figura 1: Gráfico em teia de aranha sobre a comparação entre as traduções ao espanhol e francês



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

“pagãos” (poligâmicos, politeísta), e, do outro, os princípios de sua recente conversão ao Cristianismo (monogâmico/teocêntrico). A mulher taína não consegue conciliar esses valores contraditórios. Cooper (1840) a descreve de forma

Quadro 3: Trecho em que Ozema morre, durante o matrimônio de Luis e Mercedes, nas versões em espanhol, francês e português

Inglês	Espanhol	Francês	Português (Tradução livre)
Bewildered with the confusion of ideas that had grown up between the dogmas that had been crowded on her mind, of late, and those in which she had been early taught; and physically paralyzed by the certainty that her last hope of a union with Luis was gone, the spirit of the Indian girl had deserted its beautiful tenement, leaving on the countenance of the corpse a lovely impression of the emotions that had prevailed during the last moments of its earthly residence. Thus fled the first of those souls that great discovery was to rescue from the perdition of the heathen. (Cooper, 1888, p. 524-5).	Sobrecogido con las voces del prelado, enmarañadas sus ideas con la confusion que en ellas habia hecho nacer el choque de los dogmas recientemente aglomerados en su imaginacion y de aquellos que en la niñez enseñádole habian, al paso que paralizado físicamente con la certidumbre de haberse anonadado su ultima esperanza de unirse á Luis, el espíritu de la jóven indiana habia abandonado su preciosa morada, dejando en el rostro de su cadáver una amable impresion de las emociones prevalecientes en él durante los ultimos momentos de su residencia terrenal. Así remontó su vuelo la primera de aquellas almas que el gran descubrimiento habia de rescatar de las preocupaciones del paganismo (Cooper, 1841a, 327-8 – tradução de O’Crowley).	Terrifiée par les paroles du prélat, - bouleversée par la confusion d’idées qu’excitait en elle la différence des dogmes qu’on venait de lui enseigner et de ceux dans lesquels son enfance avait été élevée; frappée par la certitude que son dernier espoir d’être unie à Luis venait de s’évanouir, l’ame de l’Indienne avait abandonné sa gracieuse et charmante enveloppe, qui conservait encore la touchante impression des émotions qui l’avaient agitée pendant les derniers instants de son séjour sur la terre. Ainsi s’échappa la première de ces âmes que la découverte du Nouveau-Monde devait sauver de la perdition du paganisme. (Cooper, 1841b, p. 471-2 – tradução de Defauconpret).	Perplexa com a confusão de ideias que havia surgido entre os dogmas que recentemente sobrecarregaram sua mente e aqueles nos quais fora ensinada desde cedo; e fisicamente paralisada pela certeza de que sua última esperança de união com Luis havia desaparecido, o espírito da jovem taína havia abandonado seu belo domicílio, deixando no semblante do cadáver uma adorável impressão das emoções que prevaleceram durante os últimos momentos de sua residência terrena. Assim esvaiu-se a primeira dessas almas que a grande descoberta estava destinada a resgatar da perdição dos pagãos. (Cooper, 1888, p. 524-5 – nossa tradução livre).

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

que ela não encontra um lugar intermediário entre esses dois polos culturais, raciais e sociais; em sua perspectiva, somente esses extremos existem. Todas as possibilidades de hibridismo, em suas diversas formas e extensões, são recusadas em sua identidade. A segunda justificativa é física: incapaz de se alinhar com os valores de qualquer uma das sociedades, ela permanece paralisada e incapaz de continuar vivendo. O narrador, então, sugere que, por esses dois motivos, sua alma se desprende de seu corpo.

No que se refere ao trabalho de transposição para as línguas, a mesma mensagem é transmitida, de forma particularmente direta, a despeito de as traduções em espanhol e francês introduzirem elementos e ênfases que não estão presentes no texto original em inglês. A menção ao prelado e a intensificação de certas emoções modificam a percepção da cena, já que a maneira como cada língua é capaz de incorporar as noções do inglês é variável, por exemplo. Além disso, há diferenças na forma como certos termos são traduzidos, como “perdition” e “preocupaciones”, o que pode alterar o entendimento do leitor sobre o contexto e as intenções do autor no texto original. O conceito chave do suposto “descobrimento” da América também aparece de maneiras diferentes: “that great discovery”, “gran descubrimiento” e “la découverte du Nouveau-Monde”. “lovely impression of the emotions” converte-se em “amable impresion” e “touchable impression”. O começo também é adequado à sintaxe de cada língua, o que envolve a adaptação de “bewildered with the confusion of ideas” para “terifié”, no francês, e “sobrecogido” e “emarañadas sus ideas”, cujos usos servem para transmitir a noção de confusão e impacto emocional.

A variação com respeito à aplicação das palavras deixa transparecer, para além de um problema com a equivalência, a ideia de que um texto traduzido “incorpora em si a língua

enquanto estrutura, a língua enquanto fato histórico e social (portanto, cultural), e a língua enquanto ato de fala, de discurso, configurando-se, pois, simultaneamente, como individual e coletivo” (Aubert, 1995, p. 32). Isso significa que, para além de uma operação técnica de adequar o texto ao idioma-alvo, considerando as suas peculiaridades morfológicas, sintáticas e semânticas, a tradução envolve o contexto, as referências históricas, os valores compartilhados pelas sociedades e o processo comunicativo. Esse último aspecto implica a possibilidade de pensar em uma superação da ideia da pura transmissão de significados fechados por parte do tradutor em favor da compreensão dos processos intencionais envolvidos na construção do discurso do autor original, vinculando a singularidade da voz do autor à apreensão das significações pelos leitores na nova língua.

Fundamentando-se nessa perspectiva de que o tradutor pode ser aquele que guia como o público vai compreender a cultura estrangeira (nesse caso, a colonizadora contra a colonial), é interessante notar que a popularidade e a recepção crítica de tais traduções/versões variaram. Enquanto o interesse francês, bem como de outras traduções não abordadas aqui – como para o alemão –, diminuiu ao longo do século, em razão da falta de nova traduções ou reedições, o interesse americano e espanhol perdurou, recebendo atenção recente no Brasil (Berndt, 2022). Isso destaca a relevância contínua das obras de Cooper em círculos acadêmicos e populares, mesmo com as interpretações mudando ao longo do tempo. Vários fatores poderiam explicar esse des/interesse contínuo. Apresentamos tal problematização sobre as motivações de tais versões produzidas ao longo dos séculos no quadro 4, destacando a relevância da obra em cada contexto.

Espanha e as Américas, devido à sua proximidade histórica com a “conquista” espanhola, mantêm um interesse contínuo no texto de Cooper, que desempenha um papel

Quadro 4: Possíveis motivações das traduções de *Mercedes of Castile: or, the Voyage to Cathay* (1840)

Eixo de análise	Descrição
Identidade nacional e memória histórica	França e Alemanha estavam distantes dos eventos retratados em <i>Mercedes de Castela: ou, a Viagem a Cathay</i> (1840), enquanto Espanha e as Américas estavam diretamente envolvidas. O romance foca na conquista espanhola e na colonização inicial, eventos que moldaram as identidades históricas espanholas e americanas. Essa proximidade com os eventos narrados contribuiu para o interesse sustentado no texto de Cooper em contextos hispânicos e americanos, abordando momentos fundamentais na história dessas regiões.
Contextos americano e espanhol	A releitura de Cooper dos eventos históricos serve como reflexão literária e veículo para discussões sobre identidade nacional, herança e legado da colonização. Isso explica o maior interesse nos Estados Unidos e na Espanha, onde a memória histórica está profundamente enraizada no discurso cultural. Narrativas americanas e espanholas frequentemente retratam Colombo como herói em missão divina para expandir o Cristianismo e trazer “verdade” aos nativo-americanos. Essa representação glorificada alinha-se com mitos nacionais de “descoberta” e “conquista”, reforçando ideais de superioridade cultural e missão civilizadora, como na expansão para o Oeste americano e na ideologia do Destino Manifesto. Contudo, essas perspectivas têm sido contestadas recentemente com obras pós-modernas como <i>The Memoirs of Christopher Columbus</i> (Marlowe, 1987).
Perspectiva latino-americana	Stavans (2001) destaca uma representação mais crítica de Colombo nas narrativas latino-americanas, especialmente após a independência. Enquanto narrativas pós-independência iniciais frequentemente celebravam Colombo como o “descobridor”, obras posteriores começaram a desafiar essa visão, refletindo sobre a violência e a exploração da colonização. O interesse contínuo nessas narrativas na América hispânica faz parte de um esforço maior para desconstruir e repensar o passado através da ficção, reformulando narrativas históricas com perspectivas decoloniais.

significativo na formação das identidades nacionais. A obra de Cooper não apenas retrata eventos históricos, mas, de fato, influencia na forma como essas nações percebem seu próprio passado e herança cultural. Nos Estados Unidos e na Espanha, Cristóvão Colombo foi e é, frequentemente, exaltado como um herói civilizador, simbolizando o avanço da cultura ocidental e a expansão do conhecimento geográfico. Sua figura é associada à bravura, à exploração e ao espírito pioneiro. No entanto, essa visão idealizada tem sido cada vez mais desafiada por acadêmicos, historiadores e movimentos sociais que apontam para os aspectos sombrios da colonização, incluindo a opressão dos povos originários da América, a exploração econômica e as consequências culturais e sociais negativas.

4 Conclusão

Os achados desta análise demonstram que as escolhas feitas pelos tradutores Pedro O’Crowley e Defauconpret podem reforçar visões coloniais. Ambas as traduções reproduzem justificativas coloniais para a violência, embora com nuances referentes à escolha do vocabulário. Essas variações mostram como o ato de traduzir não é neutro, mas, sim, uma reinterpretação que pode modificar a maneira como um público recebe uma narrativa híbrida de história e ficção como a de Cooper (1840).

Conforme argumenta Burocco (2022), a tradução constrói uma representação do texto e da cultura estrangeira. Este reconhecimento da tradução como um processo de construção cultural destaca a importância da conscientização crítica na produção e no consumo de obras traduzidas. Venuti ([1998] 2002) reforça a perspectiva em questão ao argumentar que os padrões culturais possivelmente estabelecidos pelas traduções podem garantir certos estereótipos para determinados grupos, eliminando ideias, debates e conflitos que não estão na agenda nacional. Sob diferentes condições, a tradução também pode replicar a glorificação de personalidades, ideologias e movimentos políticos. Assim, ao longo do tempo, a tradução influencia as relações geopolíticas ao construir a base cultural para a diplomacia, fortalecendo alianças, conflitos e dominação entre nações.

As observações de Venuti (2002) e Burocco (2022) de que a tradução pode fixar estereótipos e contribuir para a estrutura geopolítica estabelecida ao reforçar ou desafiar hegemonias é particularmente relevante no caso das políticas editoriais que, como argumenta Fleck (2023), favorecem os princípios financeiros, muitas vezes, priorizando a lucratividade em detrimento do valor histórico, social ou cultural de um texto. Essa dinâmica resulta no fortalecimento de estruturas de poder estabelecidas, com as traduções, moldando ou distorcendo identidades culturais para se adequar às agendas domésticas.

Tal situação demonstra que a tradução está longe de ser um ato neutro – é um processo ideológico que pode tanto sustentar quanto desafiar as hierarquias existentes dentro

da cultura de chegada. Portanto, o papel dos tradutores decoloniais torna-se crucial na resistência a esses padrões de mercantilização e distorção cultural.

Para a condução de uma tradução decolonial na América Latina emergem alguns aspectos relevantes. Salientamos a ciência dos perigos de manipular o texto fonte de maneira inadequada e trivializar, domesticar ou até apagar características culturais em favor de uma cultura dominante, conforme indica Del Pozo González (2024).

Como base para tal tratamento cauteloso do texto encontra-se a ideia aventada por Fleck (2023), ao recuperar os trabalhos de Pagano (2000) e Spivak (2002,) de que, na prática tradutória decolonial, o(a) tradutor(a) precisa estar ciente do seu lugar de enunciação e saber que, nele, possui o poder de se posicionar e de se fazer ouvir.

No processo de tradução, emerge a questão da alteridade em relação ao texto, que sintetiza as expressões e sentimentos de outrem em seu contexto cultural específico. Esse processo traduz-se em uma prática que exige estudo aprofundado, discussão e análise colaborativa da obra traduzida. No âmbito da abordagem decolonial, tal prática é idealmente realizada em grupo, favorecendo uma perspectiva coletiva e dialógica que enriquece a compreensão intercultural. Parafraseando Levinas, a tradução pode ser compreendida como um movimento que se projeta do Mesmo em direção ao Outro, sem jamais retornar ao Mesmo como ele era; trata-se de uma transformação irreversível, em que os tradutores decoloniais e o contexto original são transformados pela alteridade, numa dinâmica ética que evita a redução do Outro a uma mera reprodução do próprio.

Por fim, como demonstramos ao abordar a questão do uso dos espaços paratextuais, mencionamos no caso da tradução decolonial a importância da visibilidade do(a) tradutor(a). Trata-se de a necessidade de se criar, no texto traduzido, intervenções críticas para enriquecer a tradução e promover o diálogo entre o leitor e as particularidades do texto original, o(a) tradutor(a) pode incluir recursos como comentários, introduções, notas explicativas, glossários ou anexos. Esses elementos visam possibilitar que a cultura e a perspectiva do autor(a) original sejam mais bem compreendidas, criando uma ponte de entendimento cultural e dando espaço para que a voz do outro se manifeste no texto traduzido.

Referências

ANNAPURANI AMARNATH P.; ARASAKUMARI, M.; RANI, E. Development through time and writing style in the war novels of American authors. *International Journal of Recent Scientific Research*, v. 8, n. 3, p. 15976-15981, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24327/ijrsr.2017.0803.0047>.

AUBERT, Francis. H. Desafios da Tradução Cultural (As Aventuras Tradutórias do Askeladden). In: *Tradterm*, v. 2. 1995. p. 31-44. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1995.49913>. Acesso em: 15 de jun. de 2024.

BAKER, M. *In Other words: a coursebook on translation*. United States of America; Canada: Routledge, 2011.

BERNDT, J. A.; SHAÍ DEL POZO GONZÁLEZ, L.; DE LIMA CERDEIRA, P. Xicotécatl (1826) no polissistema latino-americano e a sua tradução: uma reflexão possível do entre-lugar e a desconstrução de hernán cortés. *EntreLetras*, Palmas, v. 12, n. 3, p. 46-67, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uf2179-3948.2021v12n3p46-67>.

BERNDT, J. A. O Colombo que nasceu na América. 2022. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2022. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6466>.

BUROCCO, L. Practices of Decoloniality: Between Love and Anger. *University of the Western Cape*, v. 48, n. 1, p. 1-8, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17159/2309-9585/2022/v48a6>.

Cooper, J. F. *Doña Mercedes de Castilla: ó el viage a Catay*. Tradução de Pedro O’Crowley. Cádiz: Imprenta de la Revista Medica, 1841a.

COOPER, J. F. *Méridès de Castille*. Tradução de Defraunconpret. Paris: Furne & Cie. Charles Gosselin Editeurs, 1841b.

COOPER, J. F. *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay*. New York: D. Appleton & Company, 1888.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo — releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, G. F. Translation and decoloniality in Latin America. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 24, especial, p. 247-267, jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.13102/cl.v24i1.9330>.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. Prólogo. Giro decolonial, teoria crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (orgs.). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9.

HARTHORN, S. P. Truth and Consequences: James Fenimore Cooper on Scott, Columbus, Bumpo, and Professional Authorship. In: *Cooper Panel of the 2004 Conference of the American Literature Association*, San Francisco, 2004.

KLOCK, A. M. O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana: veredas para a descolonização

da história pela ficção. *EntreLetras*, Palmas, v. 12, n. 3, p. 333-347, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uf2179-3948.2021v12n3p333-347>.

LUNENFELD, M. What Shall We Tell the Children? The Press Encounters Columbus. *Society for History Education*, v. 25, n. 2, p. 137-137, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/494270>.

MAGNÚSSON, S. G.; SZIJÁRTÓ, I. M. *What is Microhistory? Theory and Practice*. Routledge, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203500637>.

MARKHAM, C. R. *The Journal of Christopher Columbus (during his First Voyage, 1492-93)*. 2017. London: Imprint Hakluyt Society, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315556482>.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, A. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1991.

MIGNOLO, W. *El lado más oscuro del renacimiento: alfabetización, territorialidad y colonización*. Tradução de Cristobal Gnecco. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2016.

PAGANO, A. S. América latina, tradução e pós-colonialismo. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4286>. Acesso em: 30 out. 2024.

POE, E. A. Review of Mercedes of Castile. In: HARRISON, J. A. (org.). *The complete works of Edgar Allan Poe*. New York: Thomas Y. Crowell and Co., 1902.

Quijano, A. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina.” In *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*, 246-273. Buenos Aires: CLACSO, 2014. Disponível em CLACSO. Acesso em: 28 de out. 2024.

ROBINSON, D. *Becoming a translator: an introduction to the theory and practice of translation*. United States of America; Canada: Routledge, 2003.

RICHEY, M. *The Navigational Background to 1492*. Cambridge University Press, v. 45, n. 2, p. 266-284, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/s0373463300010778>.

STAVANS, I. *Imagining Columbus: the literary voyage*. New York: Palgrave, 2001.

USLAR PIETRI, A. *Cuarenta ensayos*. Caracas: Monte Ávila, 1990.